

NAQUELE TEMPO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE SANTIAGO DO IGUAPE, BREVES ABORDAGENS SOBRE UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO.

José Carlos Ferreira dos Santos Filho.¹

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de trazer dados sobre a localidade de Santiago do Iguape. Trago a problemática da escravidão e das formas de resistência escrava, que é assunto caro quando se fala no termo quilombo, ou seja, entendo que seria importante falar dos conceitos do que é ser remanescente de quilombo hoje, dos conflitos de terra que as comunidades negras rurais passam. Mostramos a organização das comunidades quilombolas que constroem associações e conselhos para garantir a unidade entre varias comunidades próxima. Utilizo a História oral como metodologia e conseqüentemente fonte para entender minimamente as problemáticas que as comunidades quilombolas vêm passando.

Palavra-chave: História, Santiago do Iguape, Remanescentes de Quilombo.

Introdução

Por mais de três séculos o Recôncavo da Bahia, foi um dos locais que mais abrigou escravos na América portuguesa. Principalmente através do cultivo da cana-de-açúcar e do fumo, que tinha sua produção voltada para o mercado externo e era baseada na mão-de-obra escrava africana e afro-brasileira. Este complexo socioeconômico ganhou destaque no cenário mundial, despontando no século XIX como o maior importador de africanos do mundo. Foi a primeira rede urbana regional implantada nas Américas, Compondo um extenso parque de arquitetura barroca do país.² As cidades de Santo Amaro, São Francisco do Conde e Cachoeira se destacavam, no Recôncavo como maiores produtoras de açúcar da América portuguesa. Estas cidades compunham a “zona canavieira” que através das fabricas de açúcar, os engenhos, ganharam prosperidade e destaque internacional. Os engenhos também exerciam papel de povoadores e atraíam numerosa população, que faziam funcionar o empreendimento açucareiro.³ Entre as localidades do Recôncavo que eram conhecidos pela grande produção de açúcar, estava a freguesia de Santiago do Iguape, comarca de cachoeira, onde estava centralizado os maiores engenhos da Bahia e do Brasil. No século XIX, Abrigava 21 engenhos em funcionamento, com uma media de 123 escravos por engenho.⁴

História de Santiago do Iguape e dados demográficos.

Santiago do Iguape obteve seus primeiros engenhos em fins do século XVI, nesse período já era conhecida como uma das freguesias mais ricas e produtivas da Bahia. Segundo o saber popular, conhecimento passado por gerações através da oralidade, o nome da comunidade era Vila de Santa Maria, mas após um presente de um padre Espanhol, uma imagem do Santo Tiago, o local passou a se chamar Santiago do Iguape, o nome Iguape foi uma herança dos povos indígenas, que significa água em abundância.

O expressivo número de engenhos em Santiago do Iguape (ou simplesmente Iguape), vinte e um, mostra a grande importância que esse local tinha para economia da Província da Bahia. Está localizado em pleno Recôncavo Baiano, situava-se próximo da foz do rio Paraguaçu, na margem oeste da baía de Todos os Santos. A região abrigava grandes propriedades de terras e a agricultura de *plantation*, produção voltada para o mercado externo e utilização de mão-de-obra escrava. Mas também obtinha médios lavradores que plantavam cana-de-açúcar, e obtinha juntamente com os senhores de engenho quase o monopólio das terras. Era quase desprezível o número de lavradores de mandioca, roceiros e pequenos produtos de subsistência. Um censo realizado no Iguape em 1835, mostra que contava **3.982** escravos, **3.101** livres e **343** libertos, sua população total girava em torno de 7.410 moradores.⁵ A porcentagem desses escravizados era de 54% daquela população, era maior que a de livres e libertos. Ai está uma grande questão. Será que esses cativos não se revoltavam contra a condição de escravo?

A Questão Quilombola

Era um grande percentual de cativos juntos, que a qualquer momento poderiam se revoltar, contra os mecanismos de controle dos seus proprietários e até fugir do cativo. Segundo o historiador João José Reis “onde houve escravidão houve resistência”, a partir desse pressuposto podemos cogitar uma diversidade de estratégias de resistências que os escravizados praticam para escapar ou atenuar o trabalho forçado.

Eram várias as estratégias, de resistência negra. Entre elas estão, desde a queima de lavouras, as “escapadelas” para fazerem visitas aos parentes, encontros amorosos e enfim a fuga definitiva.⁶ Mas para onde iam esses fugitivos do cativo? Como se chamava o local habitado clandestinamente por estas pessoas? São questões importantes para identificarmos na atualidade como se iniciou essas comunidades que hoje identificamos como remanescentes de quilombo. Em toda a América houve conflitos entre senhores e escravos, e diversas formas

de resistência desses escravizados a opressão dos senhores. Nas diversas partes da América os quilombos tiveram outras nomenclaturas.

Na América espanhola: *Palenques, Cumbes*; na inglesa, *Maroons*; na francesa, *grandMarronage e petitMarronage*, no Brasil, Quilombos e Mocambos e seus membros: Quilombolas, *Calhambolas* ou Mocambeiros.⁷

Após o 13 de maio de 1888, data em que foi abolida a escravidão no Brasil, ou melhor, nos “14 de maio” os ex-escravos trilharam diversos caminhos, entre eles, transitar pelo recôncavo ou se estabelecer em uma região.⁸ Formaram comunidades centenárias que ao seu início até os dias atuais enfrentaram e enfrentam verdadeiras guerras materiais e psicológicas para garantir a posse da terra.

Atualmente as comunidades remanescentes dos quilombos passam por uma série de conflitos para garantir a propriedade de suas terras. Seja lutando com pessoas que se dizem donas das terras ocupadas por quilombolas ou até com o próprio estado Brasileiro. Entre os conflitos de terras com quilombolas existentes na Bahia, podemos citar o caso da comunidade São Francisco do Paraguaçu localizada no vale do Iguape, recôncavo da Bahia. Onde esta, em 2004 começou a se organizar para obter o reconhecimento da fundação palmares, onde a certificação daria a posse legítima da comunidade as terras, matas e áreas de manguezais tradicionalmente ocupadas, colocando em pauta seu projeto de autonomia e conquista de políticas públicas sem mediação dos senhores de terras. Esse movimento levou a uma ação de reação contrária dos fazendeiros, essas ações não foram só no campo das ideias, elas de apresentaram principalmente no campo material, ou melhor no campo da violência. Fazendeiros fizeram diversas tentativas de expulsão de roçados e casas daqueles moradores que se negavam a continuar renovando os tais contratos de terras, e famílias que perderam porções de terras ao longo do tempo e passaram a ocupá-las para plantar.⁹ Até hoje estes conflitos em São Francisco do Paraguaçu não chegaram ao fim. Este entre outros conflitos compõe o cenário da luta dos remanescentes de quilombo pela posse de suas terras.

Mas algumas questões devem ser esclarecidas e desmistificadas sobre a questão dos quilombolas. É preciso pontuar questões objetivas como: Quais os conceitos que legitimam a

ideia de ser quilombola? Qual a importância de se registrar a história e os conflitos atuais dessas comunidades?

No período colonial o conceito jurídico-formal de quilombo era entendido como “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”. Este conceito ficou por muitos anos sendo utilizado para classificar territórios quilombolas. Após a constituição de 1988, houve grandes debates acerca do entendimento de quem eram os remanescentes de quilombo, pois no art. 68 do ato das disposições constitucionais transitórias, sinalizavam o reconhecimento das terras destes.

Segundo Alfredo Almeida:

A questão denominada “quilombo hoje” passa também pelo entendimento do sistema econômico intrínseco a essa unidade familiar, que produzem concomitantemente para o seu próprio consumo e para diferentes circuitos de mercado.¹⁰

Ele coloca que a relação entre os quilombolas está para além das relações familiares e se concentra na questão econômica de próprio consumo e circuitos de mercado. Judith Costa Vieira entende que: O reconhecimento de um grupo que se auto-intitula “remanescente de quilombo” longe de ser a busca da preservação de um passado, é o reconhecimento das condições presentes de conquista política desses grupos.¹¹

Viera faz uma relação interessante entre o passado e presente dessas comunidades e destaca a questão da conquista política, a cada comunidade quilombola que conseguiu a certificação da fundação palmares representa um ganho político de um grupo em detrimento de outro grupo.

E preciso pontuar uma questão importante no universo das comunidades negras. Por muito os antropólogos produziram um imaginário de procurar a África naquelas comunidades, esse foi um erro cometido por aqueles profissionais, mas que ajudaram a fomentar discussões a respeito da questão do conceito de quilombolas. o termo quilombola foi substituído por “remanescente “ onde houve um maior esclarecimento a respeito não só de remanescente mais também de comunidade negra rural e/ou urbana.¹²

A fundação palmares tem seu próprio conceito sobre quem são os quilombolas “Quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantêm tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo dos séculos”.¹³ A através desse referencial esta instituição promove a formalização da existência das comunidades Quilombolas.

Também existe uma questão latente a ser discutida com relação ao patrimônio quilombola. Ao se reconhecer o direito das terras quilombolas na constituição de 1988, não se pensava que existiriam tantas comunidades remanescentes de quilombo no território nacional. Muito se pensava em quilombos como sitio arqueológico e monumentalidade, esse era o universo ideológico dos legisladores da constituição brasileira, que naquele momento não tinham dimensão da taxa demográfica dos quilombos.¹⁴

Segundo a Historiadora Ana Paula cruz, Na Bacia do Iguape existe um conselho quilombola, que tem como função agregar todas as comunidades daquela região. São: Dendê, Caonge, Calembá, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Tombo, Calolé, Embiara, Engenho da vitória, Engenho Novo, São Francisco do Paraguaçu, Caimbongo Velho e Santiago do Iguape.

Este conselho foi criado em 2006, e teve como primeiro presidente o senhor Evaldino Francisco dos Santos. Embora Santiago do Iguape ainda não tenha seus representantes no conselho. A autora ressalta que importante nesse processo à figura de “Ananias Nery Viana”, pois ele buscou através de projetos culturais uma perspectiva maior, que era a organização do conselho. Das 13 comunidades existentes na Bacia do Iguape, todas tem a carta da fundação palmares de reconhecimento como remanescente de quilombo, mas apenas cinco tem suas terras demarcadas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). São elas: Dendê, Engenho da Ponte, Caonge, Calembá e Engenho da Praia. Os moradores do Iguape temem que a “dona das terras” ocupadas, a senhora Marina Brandão, entre Com um processo de reintegração de posse das terras. Pois ao receberem a carta de reconhecimento de “comunidade remanescente de quilombo” da fundação cultural palmares, a comunidade se preocupou em criar estratégias de ocupação das terras, que já utilizavam por muito tempo para plantação. Esse processo desenvolveu alguns conflitos de terra na região.¹⁵

Em entrevista realizada no dia 18 de março de 2012, o senhor Edson Falcão, um dos representantes da associação quilombola local, fala sobre a relação de Santiago do Iguape com o INCRA, órgão que demarca as terras das comunidades quilombolas.

O INCRA, o INCRA tá fazendo com nos, como eu acabei de dizer , estamos igual a são Cosme, vivendo só de promessa, quando eu vou lá no INCRA , agente ocupou , agente já levou cinco dias lá ocupado no INCRA , eles sempre diz que vem, que vem e só teve aqui fez reunião , agora por ultimo disse que ia trazer o pessoal , nos apresentou o pessoal aqui , disse que em fevereiro que vinha trazer o pessoal que ia ficar aqui de seis a quatro meses pra morar aqui , pra começar o trabalho de demarcação e até hoje não veio mas agente estamos perto de fazer uma visitinha a eles , outra visitinha.¹⁶

A fala do senhor Edson Falcão expressa um sentimento de indignação ao INCRA por parte dos moradores de Santiago, pelo fato da instituição protelar ou desconsiderar o pedido da presença da instituição na comunidade, para se iniciar o processo de demarcação das terras. Ele também cita a “outra visitinha”, o que nos leva a refletir que pode estar havendo um processo de articulação da comunidade para uma possível ocupação nas dependências do INCRA na cidade do Salvador, algo que não seria novo nesse contexto de luta pelo direito a terra, haja vista que no início da sua fala ele coloca “agente já levou cinco dias lá ocupado no INCRA”. Essa situação serve para mostrar que associação quilombola de Santiago esta politicamente organizada, com planejamentos e metas de ação.

Quando perguntado quais as críticas que podem ser feitas a Fundação Cultural Palmares e ao INCRA, que são os órgãos responsáveis pelo reconhecimento da identidade quilombola e demarcação das terras respectivamente, senhor Edson Falcão pontua que:

A fundação palmares mesmo agora tá nos devendo, que agente fez uns pedidos, umas cesta básicas, agente mandou o que ela pediu quatrocentas e sessenta, agente pediu, ele é hoje é amanhã e nunca atende os nossos pedidos. Seu INCRA, o INCRA, nos enrolando quando agente vai lá, que faz uma pressãozinha , eles aparecem aqui , um ou outro , agora mesmo , quarta-feira , agente estava aqui , eu não estava aqui eu tava em Brasília , mais os companheiro aqui foi ameaçando porque quando estava aqui roçando o fazendeiro ligou para o INCRA , no instante eles veio , isso eu vou dizer a eles , nos instante eles veio , porque o fazendeiro chamou , foi lá pra dentro da fazenda do fazendeiro pra tomar água de coco , segundo comer carneiro, entendeu, o INCRA vai ter de espricar isso ai, porque eu vou procurar o movimento , vou comunicar o que foi que houve, pra eles dizer porque isso? Quer dizer pro fazendeiro num estante ele vem , quando é agente é de hoje que tá atrás do INCRA pra vim começar a demarcar a nossa terra pra dar um

mínimo , um terço do direito que agente tem, e eles nunca vem, agora o fazendeiro num estante, foi quarta feira, quarta-feira mesmo eles estavam aqui, então ele tá com a nossa dívida, que agente estamos aptos a cobrar a eles porque isso ai.¹⁷

Entre as duas instituições ele constrói avaliações um pouco distintas. No que tange Fundação Cultural Palmares ele critica funções “secundarias”, relacionadas aos quilombolas, ou seja, ele não tece críticas ao processo de reconhecimento das comunidades negras rurais á identidade remanescente de quilombo. Já ao INCRA ele questiona as funções primarias, relacionadas aos quilombolas, que seria o estudo antropológico para que haja a demarcação das terras, ele denuncia que existe um “privilegio” por parte dos servidores do INCRA aos fazendeiros da região e um descaso aos quilombolas. Essa afirmação se justifica no trecho “Quer dizer pro fazendeiro num estante ele vem , quando é agente é de hoje que tá atrás do INCRA pra vim começar a demarcar a nossa terra pra dar um mínimo , um terço do direito que agente tem”, enfim ao INCRA se dirige criticas a funções primarias.

Este é o estado atual de Santiago do Iguape com a questão de demarcação das terras pelo INCRA. Não é diferente das demais comunidades remanescentes de quilombo do Brasil. Que recebem a carta de reconhecimento da fundação cultural palmares, mas não sabem quando vão ter a certidão formal de suas terras.

Notas

¹ José Carlos Ferreira dos Santos Filho, Graduando em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Membro do núcleo de estudos afro-brasileiros(NEAB), sob orientação da Professora Dra. Isabel Cristina Ferreira dos Reis, contato: joseogrande@hotmail.com.

² BRANDÃO, Maria Azevedo. Cidade e Recôncavo da Bahia. In: *Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998. P 32.

³ SANTOS, Milton. A Rede Urbana do Recôncavo. In: *Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998. p 73

⁴ BARICKIMAN, B. J. E Se a Casa-Grande não Fosse Tão Grande? uma Freguesia Açucareira do Recôncavo Baiano em 1835. *Afro-Ásia*. Salvador: *Edufba*, 29/30, p. 87,2003.

⁵ REIS, João José. Recôncavo Rebelde: Revoltas Escravas nos engenhos Baianos. *AfroÁsia*. Salvador: *Edufa*, 15, p. 101, 1992.

⁶ REIS, Isabel Cristina Ferreira. “Uma Negra Que Fugiu, e Consta Que Já Tem Dois Filhos” : Fuga e Família Entre Escravos na Bahia. *Afro-Ásia*. Salvador: *Edufa*, 23, p. 27,1999.

⁷ REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos(Org.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 10.

⁸ FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia, 1870-1910*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2006.

⁹ OLIVEIRA, Mirna silva; SILVA, Paulo H. Carvalho; DIAMANTINO, Pedro Teixeira. Abrindo os Braços: A Luta Quilombola de São Francisco do Paraguaçu-Boqueirão. In: *Caderno de Debates Nova Cartografia Social: Territórios Quilombolas e Conflitos*. Manaus, UEA Edições, 2010.

¹⁰ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. Os Quilombos e as Novas etnias. In: *Quilombos Identidades étnicas e Territorialidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, p. 51, 2002.

¹¹ VIEIRA, Judith Costa. Quem Pode Ser Quilombola? A (Re) Construção da Identidade coletiva do Quilombo Do Maicá, Santarém, Pará. In: *Caderno de Debates Nova Cartografia Social: Territórios Quilombolas e Conflitos*. Manaus, UEA Edições, p. 183, 2010.

¹² OLIVEIRA, Rosy de. O Barulho da Terra. In: *Caminhos do Passado e do Presente Editora Progressiva, Curitiba, 2010*.

¹³ http://www.palmares.gov.br/?page_id=88, acessado em 12/03/2012)

¹⁴ Idem.

¹⁵ CRUZ, Ana Paula. Nas Margens do Tempo: histórias em Construções. In: *Uma Breve Descrição da Comunidade Remanescente de Quilombo: Santiago do Iguape*. Editora Progressiva, Curitiba, 2010.

¹⁶ Entrevista com senhor Edson Falcão – 18/03/2012, presidente da associação Quilombola de Santiago do Iguape.

¹⁷ Idem.